

# ENTRE TRAÇOS & SOMBRAS



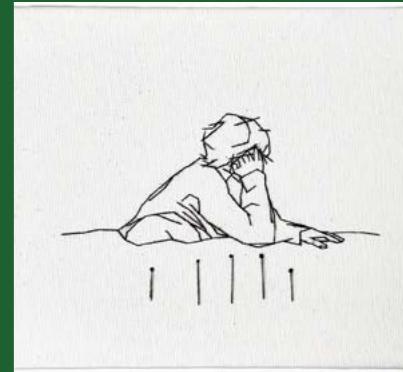
Centro  
Cultural  
Câmara  
dos Deputados

Júlia  
Mazzoni

Marianne  
Nassuno



Marianne  
Nassuno



Júlia  
Mazzoni

Curadoria:  
Laís Menezes

ENTRE

Júlia  
Mazzoni

Marianne  
Nassuno

TRAÇOS &

Curadoria:  
Laís Menezes

SOMBRA

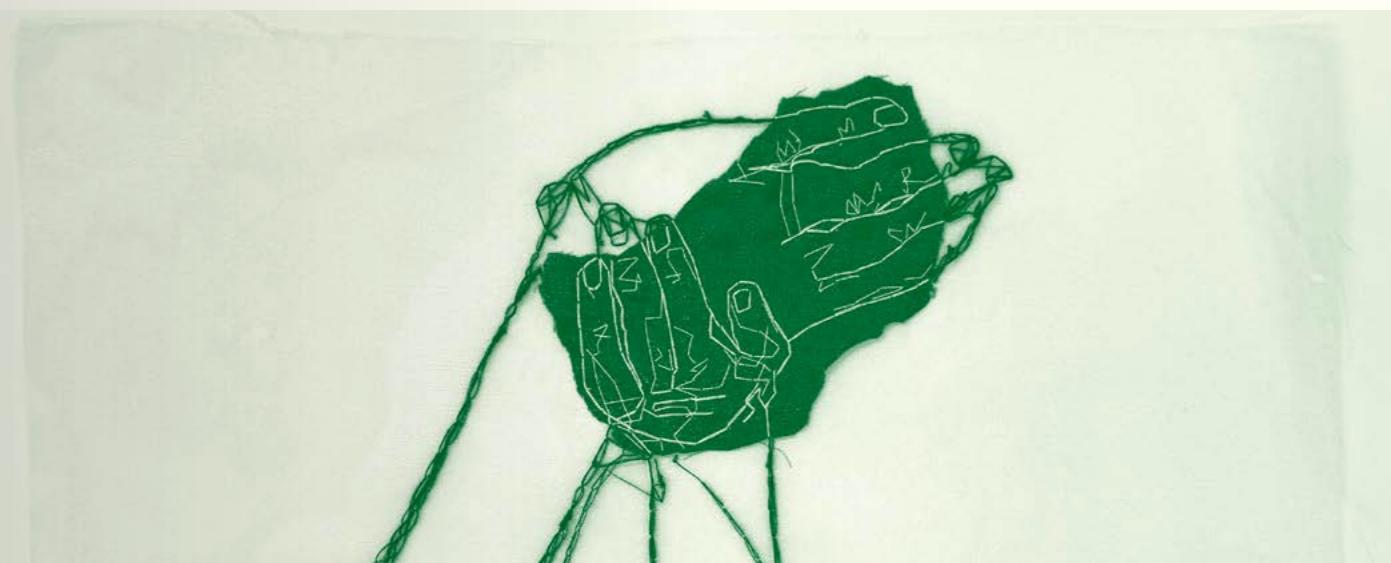


O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.

# SUMÁRIO



ENTRE TRAÇOS & SOMBRA: UMA PERCEPÇÃO DO CORPO Laís Menezes [P.8](#), AS CARTOGRAFIAS DAS MEMÓRIAS TECIDAS NA PRODUÇÃO DE JÚLIA MAZZONI Rodrigo Ferreira [P.10](#), ENTRE TRAÇOS & SOMBRA, EXISTO AQUI Júlia Mazzoni [P.18](#), LINHAS INQUIETAS Lucas Lira [P.22](#), SOBRE A MINHA FORMA DE DESENHAR Marianne Nassuno [P.26](#), FICCÕES NÃO METÁLICAS, O LÁPIS NO OLHO DE MARIANNE NASSUNO Gregório Soares [P.34](#), OPACIDADE & DESAPARECIMENTO COMO VALORES Adriano Braga [P.38](#), REGISTRO FOTOGRÁFICO [P.44](#), BIOGRAFIA DE JÚLIA MAZZONI [P.82](#), BIOGRAFIA DE MARIANNE NASSUNO [P.85](#), LISTA DE OBRAS [P.86](#).



# ENTRE TRAÇOS & SOMBRAS: UMA PERCEPÇÃO DO CORPO

Laís Menezes

A exposição *Entre traços e sombras* propõe uma leitura visual de impressões emotivas individuais que, ao se estenderem para outras dimensões, abarcam entendimentos e sensações do coletivo.

Quase como aparições, por vezes emaranhadas em linhas e por outras em manchas, percebemos a presença de indivíduos que emanam vivências significativas que, em contrapartida, mobilizam afetos, emoções, angústia, sentimento de solidão, vontades; e mais do que pode ser percebido [e sentido] de uma maneira substancialmente única, individual.

A exposição apresenta duas artistas de diferentes gerações, articulando uma sobreposição de linguagens distintas entre si. Enquanto Marianne Nassuno trabalha com grafite e Júlia Mazzoni com bordado, elas se entrelaçam na sensibilidade das percepções da matéria que nos compõe como seres vi-



Júlia Mazzoni, *Efêmero* (detalhe), 2021



Marianne Nassuno,  
*Na ausência do conforto das coisas*, 2022

vos, manifestando-se no monocromático das linhas pretas, nas sombras acinzentadas e no fundo branco.

As imagens que buscamos apreender dispostas em grupo vão para além do que procuramos entender como figuras humanas – e às vezes humanoides. Isto é, ao mesmo tempo que pensamos e imaginamos pessoas reais ali, pelos traçados monocromáticos dos materiais utilizados, não há uma imitação da aparência real das coisas. O que nos é apresentado é algo para além da aparência visível, do que é palpável, tocado, sentido com o toque do corpo em matéria. As artistas conseguem transpor o que nos compõe como seres vivos; delicadamente propondo uma visibilidade do invisível: o sentir, os sentimentos.

Nessa vulnerabilidade encontramos pedaços de nós mesmos, seja nos papéis, seja no tecido. Percebemos uma linha que nos interliga, nos entrelaça e faz de nós presentes em onipresença.

A linha que nos faz, que faz o que quer que seja, ultrapassa o seu limite. Ela, ao mesmo tempo que nos faz ser, se aproxima de manchas e falta de contorno. Nesse caminho percebemos que a delimitação não é às vezes necessária e que podemos nos misturar, dispersando como um.

O desenho é a forma mais ancestral, nosso meio de acessar o atemporal. As visões que emergem dos traços reverberam em nossas cognições, aproximando-nos, enquanto indivíduos, para o um; para uma unidade quase divina que nos une como um todo.

# AS CARTOGRÁFIAS DAS MEMÓRIAS TECIDAS NA PRODUÇÃO DE JÚLIA MAZZONI

Rodrigo Ferreira<sup>1</sup>

Júlia Mazzoni nasceu em Petrópolis, mas Brasília se tornou sua casa. Aos 17 anos, entrou no curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília, onde desenvolveu seu interesse pela linha. A artista afirma que o fio sempre teve uma ligação muito forte com a vida e que estamos em constante contato com a linha da vida (SANT'ANNA, 2024)<sup>2</sup>.

Ela considera que o bordado se torna uma extensão de seu desenho, o qual sempre usou como forma de expressão desde a infância, para a tridimensionalidade. Nesse processo de criação na bidimensionalidade, Mazzoni imprime sua própria gestualidade. Seu processo criativo não tem pausas; segundo ela, o movimento de sua mão e de um

10

11

1. Graduado em Teoria, Crítica e História da Arte pela Universidade de Brasília. Pós-graduando em Arte-Educação e Design. Desenvolve pesquisa sobre arte têxtil e indumentária.

2. A artista afirma isso em uma entrevista concedida para a escrita deste texto.

instrumento marcador (caneta, lápis ou qualquer outro objeto que deixe vestígios de cor) só termina quando o desenho está finalizado (SANT'ANNA, 2022).

O corpo torna-se sua principal representação e, ao transportar seu desenho para a tridimensionalidade, Júlia traz consigo a leveza dos traços, mas também o peso da memória, da ruína e do passado. O corpo carrega muitas cicatrizes, dores e alegrias, como as linhas de expressão que se desenvolvem em nossos próprios corpos. A autobiografia da artista se funde com as figuras criadas por ela, criando a sensação de que somos uma grande colcha de retalhos.

Para entender a produção de Júlia Mazzoni, é necessário também explorar uma possível história da arte têxtil. Afinal, a arte não está dissociada de seu meio e, como afirma Mariana Guimarães, “nossas experiências diárias produzem geografias de ações e, assim, o cotidiano contribui para a configuração de espaços, lugares e paisagens” (GUIMARÃES, 2015).

É nessa cartografia que reside a memória, pois é possível identificar os gestos feitos por quem borda. Assim como James Young afirma, a pintura e a tapeçaria têm uma relação: na pintura, revelam-se as pinceladas e seus movimentos, enquanto, no bordado, os pontos guardam a memória do movimento de quem se dedica a furar, atravessar e amarrar a linha (YOUNG apud ERTZOGUE, 2019).

Júlia Mazzoni documenta, por meio desses vestígios, a memória, o afeto e suas

histórias pessoais, o que também pode ser chamado de constelação, onde seu próprio corpo é compartilhado com a obra, a qual é exposta para todos verem. A vulnerabilidade, no momento em que a obra é exposta, se torna protagonista. Júlia Mazzoni expõe a si mesma sem medo algum. Seu corpo, sua memória e suas histórias estão expostos.

Dessa forma, ao observar a obra de Júlia Mazzoni, somos convidados a buscar nossas próprias lembranças e sentimentos no tempo e na memória. Nesse encontro entre o eu e o outro, a imagem se torna um objeto que carrega diversos tempos e espaços, criando um território onde nossas memórias se misturam com as da artista, e as intimidades são compartilhadas. Como afirma Didi-Huberman em *Quando as Imagens Tocam o Real*:

A imagem não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte da memória, não pode aglutinar. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207)

Didi-Huberman destaca que a imagem é um rastro de múltiplos tempos e experiências, mas não pode integrar todos esses tempos de forma unificada. Da mesma forma, as obras de Júlia Mazzoni não tentam abranger todos os tempos de uma só vez. Elas são vestígios que expressam a intimidade do eu e do outro, carregando fragmentos do passado, do presente e até de um futuro possível.

12

13

Assim, construímos nossa própria constelação, composta por diversas memórias. Estamos constantemente registrando e deixando vestígios de nós mesmos em todos os lugares. Nossas memórias são os astros dessa constelação. Alguns desses astros desaparecem e se apagam, muitas vezes sem que percebemos que um pequeno vestígio se extinguiu. Outros permanecem iluminados por uma vida inteira antes de se apagarem. Nossa constelação captura toda a nossa intimidade, e Júlia Mazzoni, em suas obras, revela as diversas intimidades de momentos que nem sempre lembramos. Ao construir uma constelação sobre o cotidiano, Mazzoni transforma suas experiências íntimas em obras que nos atravessam como agulhas atravessam um tecido.

Em meio aos fios dessa constelação, o corpo e a linha se tornam os objetos principais de representação nas obras da artista visual, mas essa produção vem acompanhada da memória. A memória está intrinsecamente ligada ao têxtil. Ao se propor bordar, a própria artista afirma que colabora para manter viva a memória de bordadeiras e bordadeiros que vieram antes dela (SANT'ANNA, 2022). Manter vivos os saberes de mulheres e homens que vieram antes de nós e, na busca pela memória, pelo passado e pelos vestígios da vida. Júlia Mazzoni escolhe essa técnica para que seja possível transmutar a memória em algo palpável.

A memória e o corpo tornam-se a matéria-prima da produção da artista, que, em entrevista, afirma sentir a necessidade de

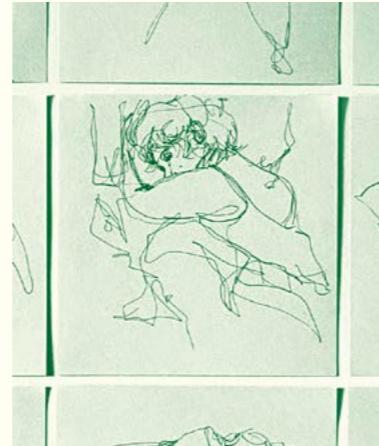
se expressar através de seu corpo, mas não necessariamente com seu corpo<sup>3</sup>. Essa necessidade é evidente em seus diversos bordados. Curiosamente, a técnica do bordado nos permite rastrear o movimento de quem borda. É como uma cartografia; é nela que mora a memória.

A artista, por exemplo, produziu a obra *00:00 (Inquieta)* com as lembranças de uma noite maldormida. As diversas tentativas de esquecer tudo o que foi vivido no dia, esquecer todos os fios de memória que se tornam grandes emaranhados de fios que não deixam a cabeça apenas repousar. Ou mesmo em *Sem Título – da série Limites, Divisas, Fronteiras*, em que a linha se espalha pelo tecido construindo rostos que não sabemos quem são, mas estão ali presentes, compartilhando espaços, fios, pontos, mas cores e corpos diferentes.

Aqui, memória e intimidade se tornam comuns entre a artista e o observador. Seus vestígios do corpo se encontram com os vestígios do corpo de quem olha, como podemos observar em *Às Vezes Eu Não Me Vejo*. A obra é composta por três bordados que são autorretratos da artista; eles são sobrepostos a espelhos. Ao olhar, o observador se vê entre o bordado e o espelho. A memória se torna uma e evidencia que as experiências e memórias são construídas coletivamente.

Na busca árdua por nós mesmos, *Casulo* nos traz a sensação de intimidade. A artista borda um corpo que repousa em uma cama, um corpo que se torna a materialidade dos

14



Júlia Mazzoni, *00:00 (inquieta)*  
(detalhe), 2023

15



Júlia Mazzoni, *Costurando  
com tempos desconhecidos*  
(detalhe), 2023

3. Entrevista concedida para a publicação "SG1 - Circular a arte por todos os cantos", em 2020.

pensamentos inquietantes. A vida é como uma agulha, nos atravessa, deixando marcas com as quais não sabemos lidar. Nela, nossas memórias, pensamentos e passado se tornam grandes, mas, no fim, são tão pequenos. É inquieto, é pequeno, é íntimo. Mazzoni consegue capturar em seu bordado um sentimento que nos atravessa o tempo inteiro e deixa claro que é necessário olhar para o cotidiano, pois nele encontraremos os motivos de essas memórias existirem.

Afinal, em *Costurando Tempos Desconhecidos*, a artista confronta o seu passado. Ao bordar uma criança com fios que se ligam a uma pessoa que cobre o rosto, a artista questiona o passado, o que fomos, o que nos fez existir e nos torna o que somos hoje. A linha da vida é materializada pelo fio preto que conecta essas duas pessoas, que tentam construir memórias juntas em tempos diferentes. O fio que liga tudo e todos se torna o protagonista de uma obra que fala sobre nossos eus, afinal não somos só um. Somos tantos, tantas versões de nós mesmos e nos tornamos os únicos a conhecer todas elas.

É como a artista mostra em *Levantar e Cair, Quebrar o Ciclo da Inércia*. Dois bordados em um tecido transparente. Nele, é bordada a figura de uma pessoa que cai e levanta. O cotidiano nos torna vulneráveis; somos vistos tanto na queda quanto na ascensão. Nossa corpo carrega todas as cicatrizes dessas quedas e suas consequências. Essas cicatrizes criam uma cartografia que se torna o mapa de nossa memória.

Essas cicatrizes do tempo e do espaço são também compostas pelo toque, que se faz presente na obra *Sem Título – da série Superfície de Contato*. Aqui, a memória é o registro das vivências cotidianas de um corpo que se coloca em contato com tudo que possa construir memórias e afetos. Aqui a memória se materializa como se fosse alguém que repete o seu nome incessantemente, com a esperança de que você olhe para trás e perceba que o corpo, a memória e o afeto são o que nos torna quem somos.

Júlia Mazzoni traz para sua produção memórias que se entrelaçam com as dos observadores. Ela nos revela o avesso do bordado, mostrando o caminho de sua criação e as imperfeições de um corpo bordado. Expõe as angústias de uma noite inquietante, tenta reconstruir memórias de um corpo infantil que já não existe, torna-se o reflexo de si mesma na obra *Efêmera* e, por fim, nos demonstra que a vida é um constante bordar, errar, remendar a linha, desfazer o ponto e criar novas possibilidades. É atravessar a vida como uma agulha atravessa as tramas do tecido.

Criando imagens que se transmutam a cada olhar atento, a artista nos lembra que os vestígios do passado sempre serão encontrados nos territórios mais cotidianos e simples de nossa memória. Afinal, a constelação não tem fim, pois somos compostos por linhas infinitas. Isso é o que nos torna quem somos. Como a própria artista afirma: “A figura humana composta por linhas é uma



16

Júlia Mazzoni, *Superfície de contato* (série) (detalhe), 2022

17

expressão artística carregada de simbolismo do próprio viver”.

#### Referências bibliográficas

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7533712/mod\\_resource/content/1/POSAdmin%20%2B12\\_Georges\\_Didi-Huberman.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7533712/mod_resource/content/1/POSAdmin%20%2B12_Georges_Didi-Huberman.pdf), acessado em: 11 de abril de 2024

DIAS, Marina de Aguiar Casali. Bordado e subjetividade: o bordado como gesto cartográfico. Palíndromo, Florianópolis, v. 11, n. 23, p. 50-61, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/13278/9714>. Acesso em: 19 de março de 2024

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Quando o bordado e a memória se entrelaçam: imagem e oralidade em arpillerias amazônicas. História Revista, UFG, v. 23, n. 3, p. 104-120, 23 mar. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/51464/32920>. Acesso em: 10 março. 2024.

Pezzolo, Dinah Bueno. Tecidos: Histórias, Tramas, tipos e usos. São Paulo: editora Senac, 2017.

SANTANNA, Júlia Mazzoni Armando. Entre tramas: vivências através do bordado. 2022: 43 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

#### Referências audiovisuais

SG1: Circular a Arte por Todos os Cantos. SG1 - Circular a arte entrevista Júlia Mazzoni, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/77lokVFpBgH7OMWz6g7jtq>. Acessado em 13 de agosto de 2024.

# ENTRE TRAÇOS & SOMBRIAS, EXISTO AQUI

## Júlia Mazzoni

Recentemente deparei-me com o título de uma exposição de fotografias do Museu de Arte da Universidade de Princeton que me marcou profundamente: *Don't we touch each other just to prove we are still here?* (Não tocamos uns aos outros apenas para provar que ainda estamos aqui?). Senti-me impactada e guardei a frase comigo. Lendo mais a fundo, descobri que a citação vem de um livro de Ocean Vuong, *Sobre a terra somos belos por um instante* (VUONG, 2021).

Não tocamos uns aos outros só para provar que ainda estamos aqui? Ao refletir sobre a existência do corpo no mundo, caio em um lugar de atravessamento de camadas. Ao entrar em contato — ou ao tocar — algumas dessas camadas, percebo — e sinto — que existo.

A primeira camada possível em que penso é a linha que contorna o corpo. “A linha toma emprestado o contorno do mundo, caminha na superfície das coisas” (DERDYK, 2010). A linha parece provar a minha existên-

18



Júlia Mazzoni, *Às vezes eu não me vejo* (série) (detalhe), 2022

19

cia física no mundo, contornando meu corpo, e também atravessando o limite entre o eu e o outro. O que é o toque, senão um entrelaçamento de linhas de contorno, minhas e do outro? Uma prova de que expandimos o limite da primeira camada que nos separa e começamos a nos interligar. Uma prova da nossa existência conjunta, de um fragmento de tempo específico. A linha deixa de ser apenas divisória e se torna ponto de contato; vira nós. Nesse momento, entendo que existo. Entrelaço-me com o mundo.

A sombra aparece enquanto companhia eterna daquilo que parece provar a minha existência no mundo. A sombra é atrelada a tudo o que vivencio, segue o movimento do meu corpo e está dentro dele também — é camada interna e externa. Habita o limiar entre presença e ausência, entre definição e indefinição. Possui sua própria linha de contorno, mas também preenche; é ao mesmo tempo efêmera e eterna. A sombra manifesta-se como camada de difícil acesso, porque depende da distância específica, depende da luz específica, depende do foco no momento específico, depende do mundo ao redor e do território interno. A maneira que ela existe dentro de mim é como percebo e existo nos meus arredores. Torno-me, então, existência fluida, em constante mudança.

Traço e sombra aos poucos parecem se tornar sinônimo de vulnerabilidade. Com traço e sombra, pouco a pouco mergulho nas camadas e me *sinto* existente (e presente) no mundo. Sinto que minha existência (e pre-

sença) corpórea alcança um ponto de encontro com o outro, e o *eu* abre possibilidades de se tornar *nós*. E as experiências do existir se mesclam, assim como os corpos se tocam — fisicamente ou não — e percebemos que, como Vuong escreve, somos capazes de “provar” que estamos aqui. Assim são desenhadas a consciência e o sentimento de que estou aqui. Fugaz e finita, mas aqui e agora.

#### Referências bibliográficas

DERDYK, Edith. Linha de costura. 2. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: C/ Arte, 2010. 60 p.

VUONG, Ocean. Sobre a terra somos belos por um instante. Rio de Janeiro: Rocco, 2021. 224 p.

20

21

Júlia Mazzoni, *Superfície de contato* (série) (detalhe), 2022



# LINHAS INQUIETAS

Lucas Lira

Os trabalhos de Júlia Mazzoni parecem nascer da indecisão do traço. Parecem surgir da impossibilidade da escolha. Impossibilidade esta que leva a artista a diversos caminhos que, no entanto, acabam quase sempre delineando silhuetas humanas carregadas de afetividade. Especialmente no desenho sobre papel, onde há mais liberdade, suas linhas agitadas e ansiosas se espalham leves e soltas pelo espaço em busca de um sentido, de uma direção. Isto é, da aparente confusão, causada pelos vários traços, vemos nascer, graças às linhas mestras – as linhas que encontram direção, o corpo humano como uma espécie de frágil cosmo em meio ao caos, como forma distinta entre a desordem. Na série de desenhos Inquieta, as linhas de Mazzoni percorrem rotas imprevistas na tentativa de registrar uma perturbação que impede o sono da personagem. Todo o gesto espontâneo da artista é aproveitado como parte do processo criador, que se propõe efêmero desde o princípio – sobretudo dada a técnica e o suporte. Portanto, nenhum traço ou rabisco sobra nos desenhos de Júlia Mazzoni. Todo

22



Júlia Mazzoni, *Limites, divisas, fronteiras* (série) (detalhe), 2022

23

mínimo elemento visual tem função expressiva em suas composições fugazes.

No caso dos bordados, a força da linha é maior e se impõe sobre a desordem. A leveza existe, mas o traço não é vacilante, não é tão especulativo. Aqui o arranjo ganha contornos definidos e busca, na maioria das vezes, representar a prostração do corpo humano. Desse modo, uma técnica ancestral e delicada é utilizada para traduzir a dimensão atemporal e a inegável fragilidade da condição humana no mundo. Temos nestas obras de Mazzoni esse reforço mútuo que acentua sobremodo a sensação de vazio que seus corpos produzem. Na obra Efêmero, duas figuras humanas quase idênticas estão sentadas em posições diametralmente opostas, como reflexo uma da outra, e se encaram com as mãos na face, num gesto bastante expressivo. Enquanto isso, um fio preto tênue liga os olhares das personagens. Seus perfis foram cuidadosamente delineados por linhas pretas. Seus pés estão cruzados. Os olhos e os pés são os pontos de conexão entre ambas. Neste caso, o recolhimento introspectivo dos corpos, uma tônica recorrente em seus trabalhos, torna o drama psicológico notável, ainda que não possamos visualizar seus rostos.

Em suma, os corpos e as fisionomias de Mazzoni aqui apresentados são sempre delineados e nunca preenchidos, com exceção de experimentações estéticas pontuais. As linhas procuram contornar seus limites para que sejam compreensíveis de algum modo,

mas suas consistências são etéreas como o ar, são destituídas de qualquer matéria como o vácuo. Podemos afirmar que o vazio é parte essencial de suas figuras humanas, elemento básico com o qual as linhas estabelecem relações inconstantes. Por conseguinte, frágeis e dinâmicas, as linhas pretas utilizadas pela artista, no desenho e no bordado, vão percorrendo, com mais ou menos imprecisão, diversas superfícies claras na provável intenção de registrar, por meio do corpo humano, e de modo breve, o célebre desassossego contemporâneo chamado ansiedade.

24



Júlia Mazzoni, *Casulo*  
(detalhe), 2023

# SOBRE A MINHA FORMA DE DESENHAR

Marianne Nassuno

Na minha prática com o desenho não utilizo a linha definidora, mas várias linhas fluidas agrupadas em manchas. Busco criar manchas de tom, utilizando o próprio traço de forma exaustiva em hachuras para criar superfícies. Não há linha de contorno que separe figura e fundo. Meu desenho é plano; nele aparece a materialidade do grafite e a textura do papel.

Meu processo envolve repetir o mesmo gesto de traçar e percorrer a mesma superfície com disciplina, inúmeras vezes. Nas manchas, formadas pelo traçado intensivo na hachura, a linha perde o protagonismo, o que confere ao trabalho um caráter híbrido em diálogo com a pintura.

O trabalho com manchas explicita aspectos essenciais do desenho que, muitas vezes não são percebidos quando se desenha com a linha. O desenho com manchas demanda tempo, acentuando seu caráter meditativo. Repetir intensivamente o traçado de linhas com o grafite no suporte se assemelha a proferir um mantra e exige disciplina. Esse

26



Marianne Nassuno, *Na ausência do conforto das coisas* (detalhe), 2021

27

estado meditativo remete à estratégia do andarilho para traçar linhas de que trata Ingold (2022). Pode levar a uma transformação naquele que desenha: um aumento da concentração e um esvaziamento da mente.

A mancha acrescenta um novo elemento ao estranhamento do desenhar. De um lado, ela é feita com rabiscos, que resultam de uma ação muito espontânea. De outro, é preciso que sejam elaboradas considerando tanto o que está fora da figura – os seus limites externos – quanto o que está dentro.

A busca por uma prática própria foi motivada pela minha incompatibilidade com o que os cursos tradicionais ensinavam, baseados num modelo, numa única forma de fazer. Ademais, trata-se de uma forma que tem a linha como fundamento, que pela minha vivência com cortes e facas, sempre associei a uma forma de violência.

Para o meu desenho, a noção de figurar faz mais sentido do que as de representar ou de imitar a aparência das coisas; busca sublimar, distorcer, transformar. Ao figurar, cria-se uma imagem em que não se vê o igual, o (si) mesmo, mas sim o outro, a alteridade.

No meu fazer, coloca-se o desafio de evocar a indeterminação do figurar numa prática como o desenho, que vem de uma tradição que o associa ao determinar, ao definir e ao designar. Questiona-se se não seria a pintura, mais do que o desenho, a técnica que mais encontra afinidade com a noção do figurar. Se não seria a maleabilidade da tinta, mais do que a rigidez do grafite, o veículo

mais adequado para o seu alcance. Ou ainda, se não seria na fotografia, âmbito do flou, que a figurabilidade poderia ser registrada.

O enfrentamento desse desafio ocorre, entretanto, sob a provocação de Gregório Soares Rodrigues, que reflete se a indeterminação, a possibilidade de evocar o que pode ser ou o que poderia ter sido não seriam próprias do desenho.

[O] desenho não estaria para a figurabilidade assim como a imagem está para a pintura? Não seria o desenho o meio pelo qual a figura sempre assumiu esse regime indeterminado, trans, entre o que não foi, o que pode ser e o que poderia ter sido? (Soares Rodrigues *apud* PÉREZ-ORAMAS, 2021: 23).

De fato, a incompletude do desenho, o fato de ser usado para rabiscar, esboçar, rasçunar, pode contribuir para a indefinição do figurar. Nesse sentido, meu desenho tem um aspecto obscuro que busca tornar o observador um cocriador das imagens, se comprometendo com o artista na invenção de um mundo visual mais pleno de significados.

Minha prática se desenvolve na minha poética e comprehende imagens que não são claramente visíveis. Busca-se introduzir alguma forma de ruído visual que dificulte a percepção imediata da figura.

Essa imagem evoca a visualidade de imagens japonesas, que, segundo Rawson (1987), não concebem contornos nítidos, negando a solidez ou o valor absoluto a objetos separadamente. De acordo com esse autor, no Japão,

28

29

na noção do real como um mundo flutuante – baseada numa versão adaptada do taoísmo chinês e do budismo – não se conhece qualquer noção de permanência, solidez ou valor absoluto a objetos apartados.

Minha poética foi desenvolvida a partir da experiência de não enxergar bem e usar óculos desde criança. Com essa reflexão busco explorar expressivamente minha deficiência. Ao invés de uma limitação, considero que a dificuldade visual pode ser encarada como algo positivo, pois desde cedo me tornou consciente de que é possível olhar diferente.

Uma questão sensorial e estética – imagens embaçadas, não claramente visíveis – pode ser transformada em uma questão existencial. Para Souriau, a percepção estética suscita o desejo de testemunhar a favor da importância ou da beleza do que foi visto. Assim, perceber não é simplesmente apreender o que foi percebido, é querer testemunhar ou atestar seu valor. O testemunho nunca é neutro ou imparcial, implica a responsabilidade de fazer ver aquilo que se teve o privilégio de perceber, sentir e pensar. Ele se torna um âmbito de criação (LAPOUJADE, 2017).

O sujeito que percebe de uma forma específica, para além de testemunha, se propõe a atuar como advogado: apresentar um discurso em defesa das existências que faz aparecer, legitimando e tornando mais real a sua maneira de ser, o que confere força e amplitude àquilo de que foi a testemunha privilegiada (LAPOUJADE, 2017).

Meu desenho está inserido na vida, tal como o desenho vivo de que trata Soares Rodrigues, e é desenvolvido em conexão com uma necessidade vital de me conectar com o âmbito “[d]a palavra que falta, [d]a linguagem que falha e [d]a linguagem que urge” (2023: 61).

Dado o papel que o desenho desempenha na minha vida, associo-o à atividade do labor, que Arendt (2001) distingue do trabalho<sup>1</sup>. Segundo ela, a atividade do labor foi originalmente desprezada porque tratava de ocupações que atendiam às necessidades de manutenção da vida, que os homens tinham em comum com as outras formas de vida animal, e representava um esforço que não deixava qualquer vestígio, ou qualquer grande obra que pudesse ser preservada para a posteridade.

Era uma atividade realizada pelos escravos, visto que os cidadãos na Grécia antiga não valorizavam o que exigisse esforço e os abstraísse das exigências da vida na polis. Entretanto, considera que a produtividade e o valor intrínseco ao labor residem justamente no fato de que produz a própria sobrevivência.

De acordo com Arendt (2001), o ideal utópico de Marx era o de que numa sociedade completamente socializada, a distinção entre labor e trabalho desapareceria completamente, pois a única finalidade seria a sustentação do processo vital<sup>2</sup>.

A associação do meu desenho ao labor, conforme conceituado por Arendt (2001), corre da minha admiração pela forma com que os povos originários do Brasil – de outra

1. A autora faz essa distinção, inusitada segundo ela mesma, por constatar que em “todas as línguas europeias, antigas e modernas, possuem duas palavras de etimologia diferente para designar o que para nós hoje é a mesma atividade, e conservam ambas a despeito do fato de serem repetidamente usadas como sinônimas” (Arendt, 2010: 90).

2. Entretanto, em relação ao desenho vivo conforme elaborado por Soares Rodrigues (2023), falta ao labor a dimensão projetiva, que associa desenho diretamente a desejo.



Marianne Nassuno, Sudários (série) (detalhe), 2023

tradição estética e intelectual – se relacionam com o desenho, como um fazer entranhado na própria vida, e não um saber distante ao qual poucos iluminados têm acesso.

No meu desenho as figuras são apresentadas como sombras/silhuetas, como manchas que se dissolvem, se fundem com o entorno. Entre a figura e o fundo existe uma zona de indefinição a respeito do que é figura e do que é fundo. E é essa zona de indefinição que torna a figura pouco visível e faz com que a imagem apareça como uma totalidade em que as partes se confundem com o todo.

Não tem limites perceptíveis, se confunde com o fundo, como se fosse constituída por uma membrana porosa pela qual trocas podem ocorrer. É como se na imagem ocorresse um processo de osmose entre duas soluções de concentração diferente, separadas por uma membrana semipermeável: realizam trocas (de solvente) até que, no limite, a sua singularidade desapareça e se tornem uma só, em termos de nível de concentração.

Silhuetas são figuras sem detalhes, manchas sem registro de características étnicas, etárias ou de gênero, que não expressam emoções. Quando o conteúdo simbólico da imagem é reduzido, sua presença material pode aparecer.

De acordo com Lapoujade, quando se reduzem os recursos para exploração pela sensibilidade, deve haver uma mudança de perspectiva: não apenas trabalhar com a expressão, mas também com a materialidade da

obra. “A arte deve nascer do material e da ferramenta, e deve conservar os traços da ferramenta e da luta da ferramenta com o material” (LAPOUJADE, 2017: 54).

Na minha forma de desenhar, se evidencia um trabalho cuidadoso e intensivo com os materiais. Nesse processo, um jogo entre a materialidade do grafite e a textura do suporte se desenrola, cada um deles disputando com o outro o aspecto que irá se sobressair.

32

33

#### Referências bibliográficas

- ARENDT, H. (2001): “O labor do nosso corpo e o trabalho de nossas mãos” in A condição humana. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária.
- DIDI-HUBBERMAN, G. (2013): Diante da Imagem. São Paulo: Editora 34.
- INGOLD, T. (2022): Linhas. Uma breve história. Petrópolis: Vozes.
- LAPOUJADE, D. (2017): As existências mínimas. São Paulo: n-1 edições.
- RAWSON, P. (1987): Drawing. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- SOARES RODRIGUES, G. (2023): Desenhário: a ciência inexata da linha (desenho vivo e outras coisas). Tese de doutorado Departamento de Artes Visuais. Brasília: Universidade de Brasília.



# FICCÇÕES NÃO METÁLICAS, O LÁPIS NO OLHO DE MARIANNE NASSUNO

Gregório Soares  
Rodrigues (UnB)

Raramente nos lembramos, mas o grafite é a versão escura do diamante. Ambos são formas alotrópicas do carbono e possuem em comum a inusitada capacidade de um mesmo elemento químico originar diferentes substâncias simples. É curioso notarmos como esses não metais servem a um conjunto de invenções cujas finalidades, essencialmente, incidem em um regime amplo de visibilidade. É o caso de certos condutores incandescentes ou de joias, por exemplo, e, claro, do nosso essencial e persistente, embora cada vez mais em descrédito tecnológico, lápis para desenho.

Um sentido correlato aos serviços desses elementos, voltado também ao regime da visão, é o subtema comum presente nas séries de desenhos produzidos em grafite pela

34

35



Marianne Nassuno, *Na ausência do conforto das coisas* (série) (detalhe), 2021-2022

artista Marianne Nassuno. No entanto, sua proposta engendra, em contraponto à produção violenta de imagens técnicas e excessivamente nítidas que desde o início do século XX vem alterando a nossa experiência com o mundo, um pensamento em que se explora a própria noção de brilho, no seu sentido radical, limite e negativo, onde o resultado da imagem sobrevém do excesso de visibilidade, motivando naturalmente o seu contrário. Isto é, quando olhamos direta e fixamente para uma fonte de luz, cegamo-nos.

Nesta série de trabalhos a artista nos convida então para uma zona de indefinição ou de instabilidade perceptiva que é própria do nevoeiro, que podemos compreender como uma característica central da sua atividade gráfica. Tal volubilidade começa na própria constatação de que seu desenho é efetivamente construído a partir do famoso *sfumato* de Leonardo da Vinci, ou da mancha, como em Georges Seurat, a quem Marianne presta tributo, e não da linha, como fomos acostumados a compreendê-lo fundamentalmente. Afirmando a dimensão enigmática desse meio expressivo, mais do que aquela outra, racional e precisa. A mancha desestabiliza o olhar, não permite a definição. Tal desenho, de certa maneira, nos convida a reconhecer o interior do redemoinho, como sugerira Guimarães Rosa ou, depois, Francis Alÿs em seu *Tornado*. Enfim, o fato é que a ponta do lápis que ilumina o caminho por onde passa, cobrindo a grafite, apostava na cegueira e na opacidade como meio pelo qual poderíamos

finalmente voltar a enxergar o invisível nesse vórtice claro-escuro.

“Na ausência do conforto das coisas”, as imagens produzidas pela artista criam uma membrana ou película translúcida onde parece sempre restar algo por aparecer. Somos capazes, no confronto com seus desenhos, não apenas de vagar onde as silhuetas de rastros indefinidos vão se somando às cenas e corpos cortados da memória fotográfica mas, principalmente, de percebermos nessa claridade nebulosa o quanto da nossa própria consciência é constituída por uma condição mesma de poeira acesa. Como figura e fundo se confundindo, como nuvens entre nós e aquilo que nos circunda, como a nossa própria aptidão para surgir ou desaparecer.

Texto curatorial da exposição individual *Grafite*, Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2023

Na página ao lado:

Marianne Nassuno,  
*Sem título* (da série  
*Sudários*) (detalhe), 2023



# OPACIDADE & DESAPARECI- MENTO COMO VALORES

Adriano Braga

A artista introduz uma linha divisória, suspendingo-a para contaminar operações contra sistemas hegemônicos de arte contemporânea em suas políticas de representação. Entendendo que os sistemas da arte também nos cindem quando delineiam e categorizam nossas experiências. Por isso, por meio de procedimentos conceituais, estéticos e técnicos variados, ela conduz um processo de pesquisa com o objetivo de criar desenhos, gravuras e performances. Suas reflexões exploram a opacidade e o desaparecimento em contraposição à nitidez, considerando-os como valores de um índice sempre perdido nessa floresta invertida.

Nos desenhos, performances e gravuras de Marianne, emerge uma outra ecologia de saber no âmbito imaterial, fugidio e inconcluso. Em suas mais variadas linguagens, a artista interdisciplinar e indisciplinada conjuga o aparecimento e o desaparecimento de si e do nosso bioma, friccionando nossas

38



Marianne Nassuno  
*Sem título* [da série *Vir a ser(es)*] (detalhe), 2023

39

visualidades em um regime de captura das identidades subsumidas nos contextos de es- cassez das representações.

A artista também investiga a evanescência a partir de documentos e álbuns de família e expande para a fotografia o seu campo de pesquisa. Marianne especula sobre a humana- dade como categoria e aporte abstrato no contexto histórico, redesenhandos significados desde as dinâmicas inconscientes que regem nossas vidas no campo social. Simbolicamen- te, ela reivindica o gesto contínuo do tornar-se.

Ao se vincular com o Cerrado, a artista explora dinâmicas de alteridade e parentabilidade, conjugando interespécies com imagens pessoais e documentos. Sua intenção também se manifesta nas epistemologias e no processo de criação de imagens que tocam o que é tão essencial para nossa compreensão do mundo. Parafraseando Leda Maria Martins: “A gente esqueceu que é planta, pedra, água e terra. A gente esqueceu o que a gente é. Não tem im- portância que a gente tenha esquecido desde que a gente consiga relembrar. Memória não é apenas o que se lembra. Na memória também reside o que se esquece”.

O permanente e o impermanente se en- trelaçam no jogo de aparecer e desaparecer, onde o imorrível se torna uma atividade e não apenas um estado e a artista é autora e lugar de transmutação encarnada. Repetir é também modo de lembrar aquilo que no âmbito da his- tória precisamos antes revisar e recontar!



Centro Cultural  
Câmara dos Deputados  
apresenta

# ENTRE TRAÇOS & SOMBRIAS

Júlia Mazzoni e  
Marianne Nassuno

Entre traços e sombras: uma percepção do corpo propõe uma leitura visual de impressões emotivas individuais que, ao se estenderem para outras dimensões, abarcam entendimentos e sensações do coletivo.

A exposição apresenta duas artistas de diferentes gerações articulando uma sobreposição de linguagens distintas entre si. Enquanto Marianne Nassuno trabalha com giz e tinta e Júlia Mazzoni com bordado, elas se entrelaçam na sensibilidade das percepções da matéria que nos compõe e nos serve vivos, manifestando-se no monocromático das linhas pretas, nas sombras alternadas e no fundo branco.

O desenho é a forma mais ancestral nosso meio de expressar o atemporal. As visões que emergem dos traços envolvem em nossas cognições, aproximando-nos de um mistério tradiicional para o um; para uma unidade grasse divina que não une com um todo.

Luis Meneses  
Curador

JÚLIA MAZZONI E MARIANNE NASSUNO

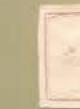
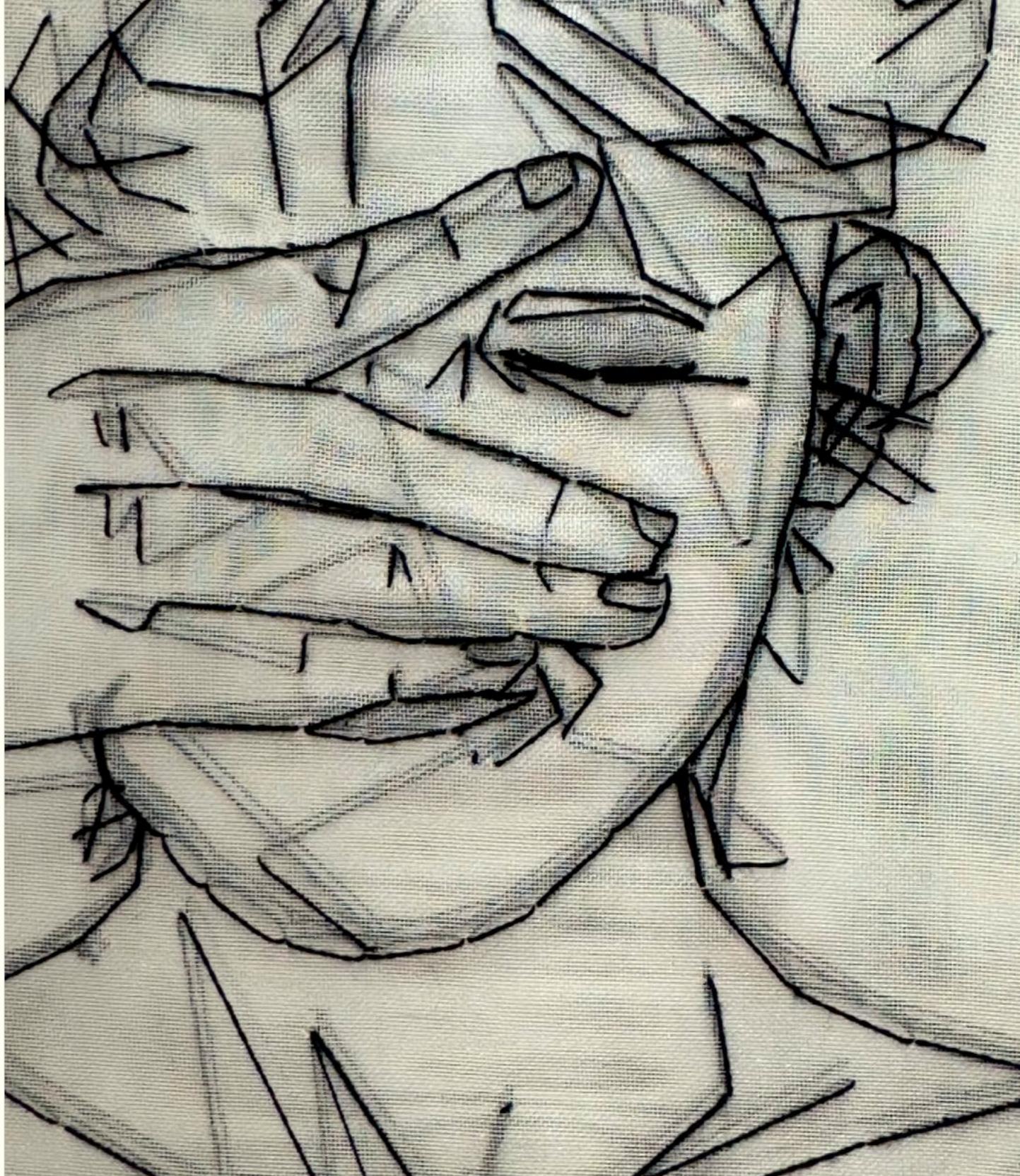


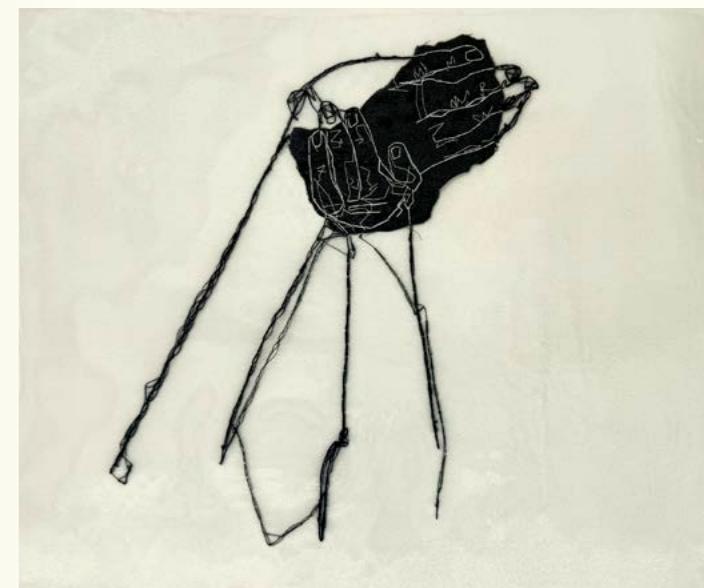
Foto: Henrique Góes / Centro Cultural  
Câmara dos Deputados



46



47





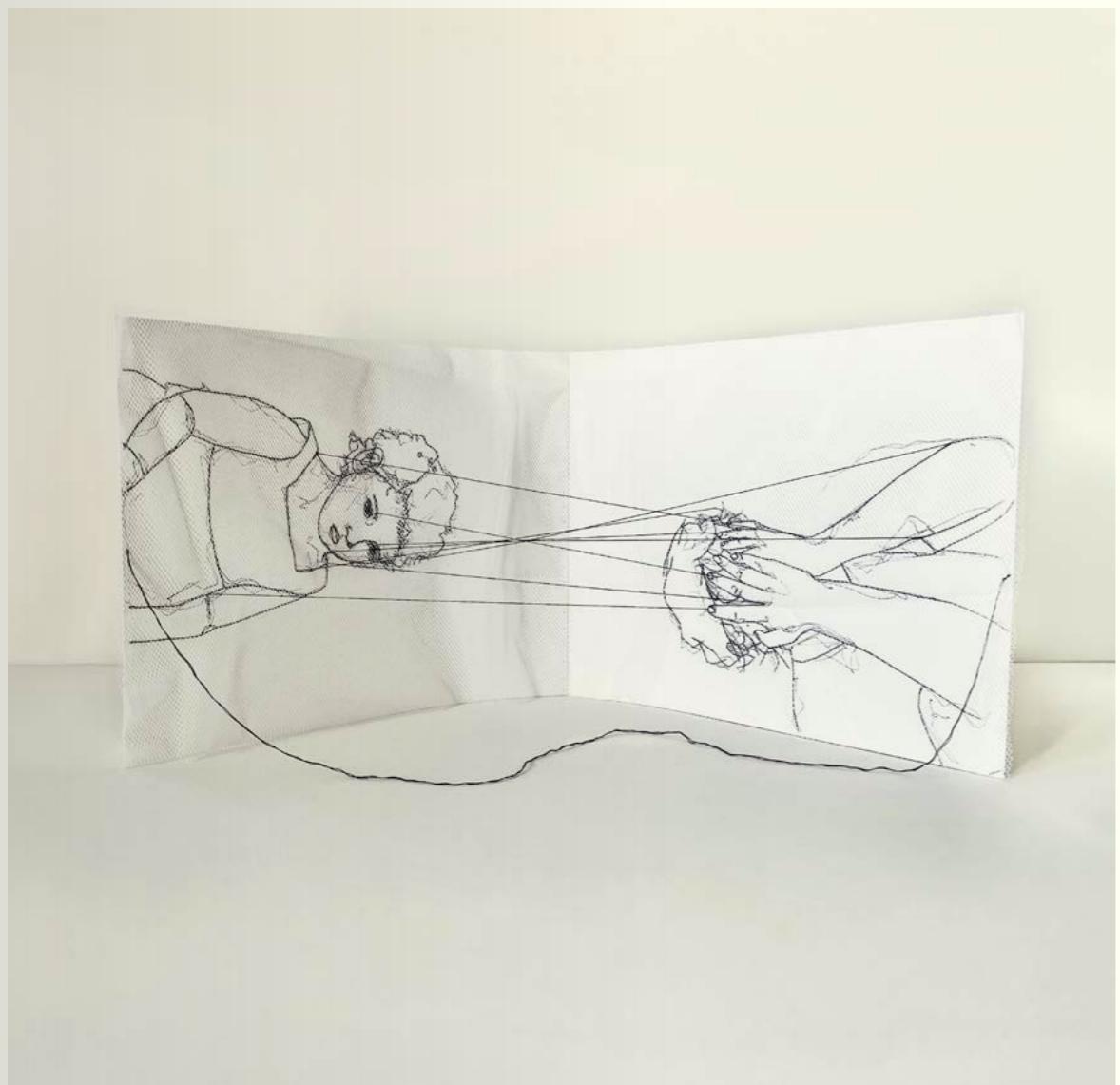


52



53





56



57



59





62



63





66



67



68



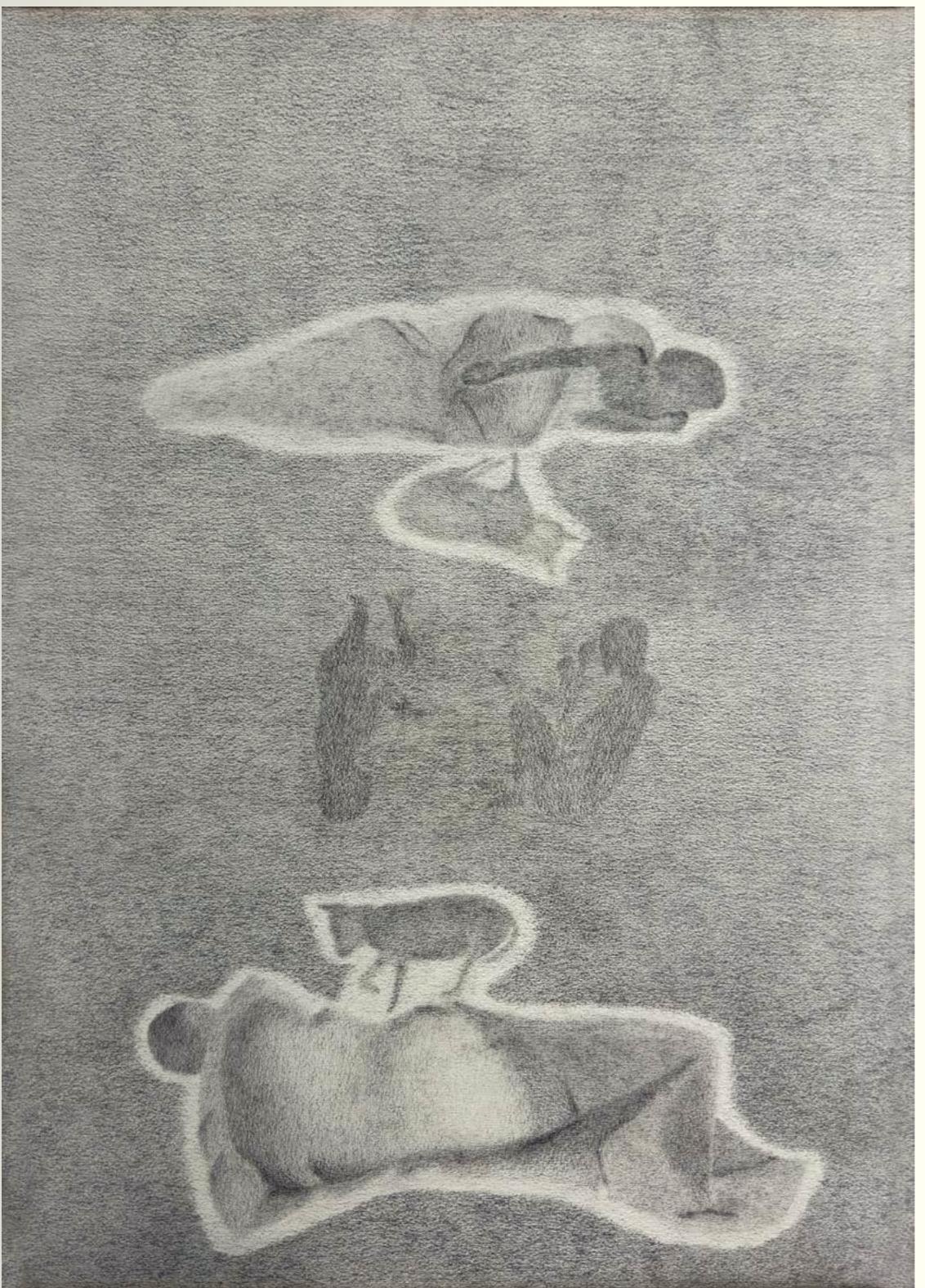
69



70



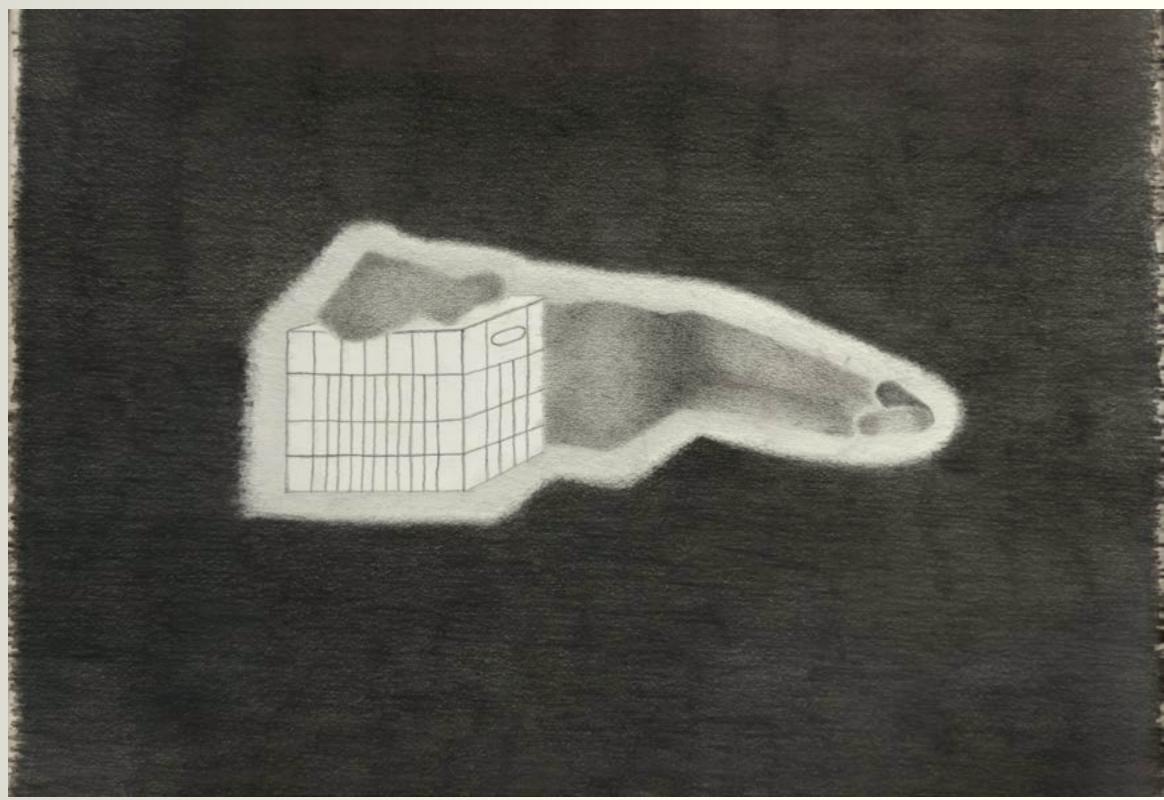
72



73



74



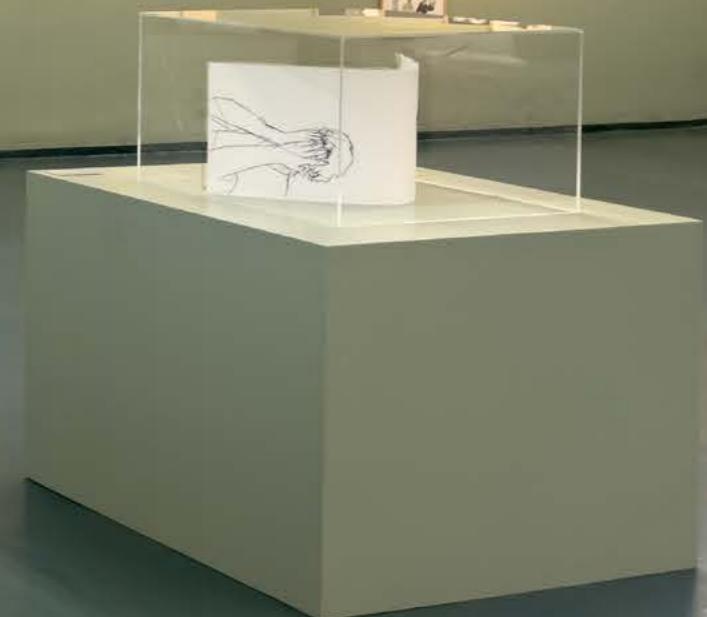
75



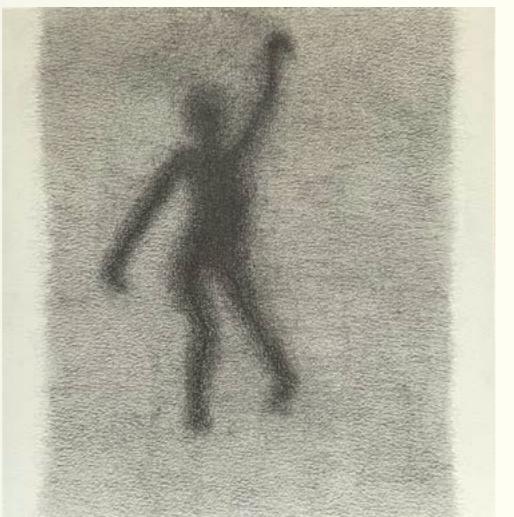
ENTRE TRAÇOS & SOMBRA



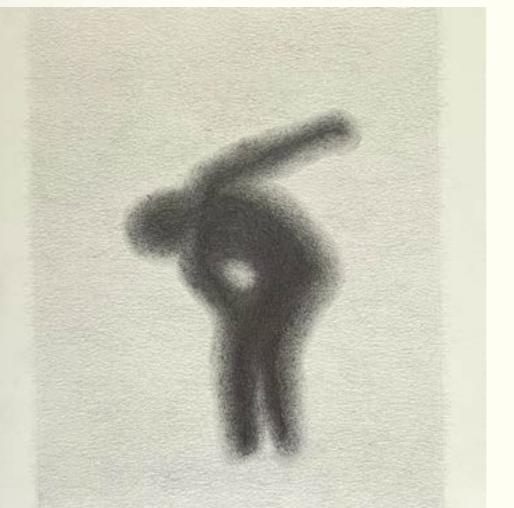
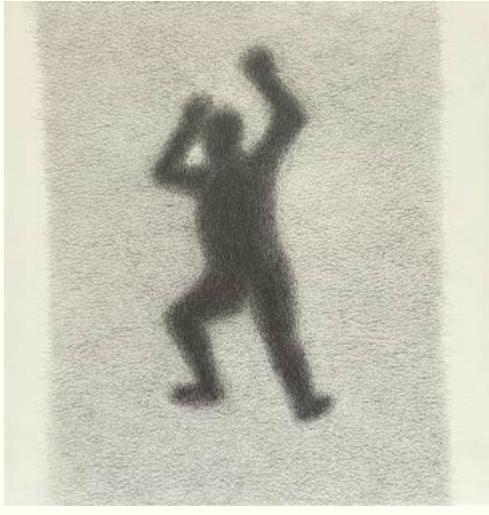
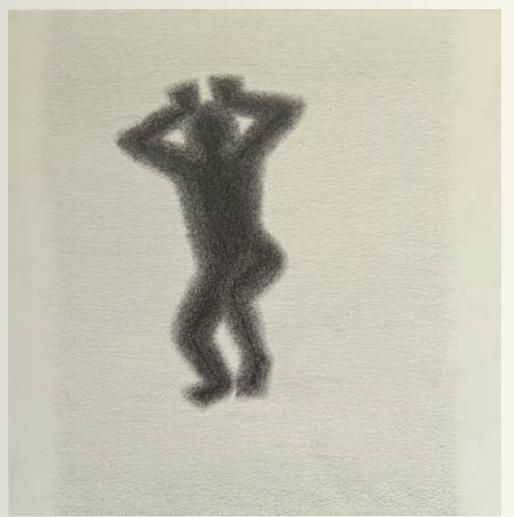
JÚLIA MAZZONI E MARIA



78



79



80



Júlia Mazzoni (Petrópolis/RJ, 2000) vive e trabalha entre Brasília e Londres. É artista visual, bacharel em Artes Visuais pela Universidade de Brasília (2022) e está atualmente concluindo seu mestrado no curso MA Fine Art: Drawing na Camberwell College of Arts (University of the Arts London).

Seu trabalho explora a intimidade por meio de um diálogo entre desenho e bordado, focando na linha como elemento principal, formal e conceitualmente. Ao entrelaçar pensamentos sobre a existência humana e a materialidade do processo, a artista reflete sobre territórios limiares, entre interior e exterior, privado e público, pessoal e coletivo.

Júlia participa ativamente de exposições nacionais e internacionais, como *Baleia: Mulheres Artistas do DF e Entorno* (Infinu Comunidade Criativa, Brasília, 2021), *In Touch* (CICA Museum, Gimpo, Coreia do Sul, 2022), *Índigo* (deCurators, Brasília, 2023), e *Where We're Calling From* (Copeland Gallery, Londres, 2024).



## MARIANNE NASSUNO



Marianne Nassuno, 60 anos, é natural de São Paulo/SP, reside e trabalha em Brasília/DF. É artista visual, mestranda em Artes Visuais e doutora em Sociologia pela UnB.

Cria imagens e objetos que buscam acessar o invisível além da aparência, o inapreensível dos corpos, dificultando o reconhecimento imediato e oferecendo ao espectador a possibilidade de ser um criador de sentidos.

Nos trabalhos, as silhuetas têm destaque, pois não revelam características identitárias das figuras – etnia, gênero, idade.

Recentemente, realizou a exposição individual *Grafite*, em *Pele Barro Pedra Grafite Rio*, Espaço Cultural Renato Russo, Brasília/DF, 2023. Participou das seguintes exposições coletivas: *Falo (de) erotismo*, Vórtice Cultural, São Paulo/SP, 2024; *Obra Barro*, Museu das Bandeiras, Goiás/GO; *Obra Xerox*, MAB, Brasília/DF, em 2023.

Foi selecionada para o 2º Salão Vermelho de Artes Degeneradas, Rio de Janeiro/RJ, 2022 e para o 12º Salão de Arte Contemporânea de São Bernardo do Campo/SP, 2019. Participou de residências no NACO, Olhos d'Água/GO, 2024 e no Pé Vermelho, Planaltina/DF 2023. Participa dos coletivos Cuscuz, Usina de Inventos e como convidada do coletivo Maskarada, todos sob a curadoria e coordenação de Suyan de Mattos.

# LISTA DE OBRAS

86

87



P. 44 / 45 Júlia Mazzoni  
*Às vezes eu não me vejo*  
Linha de algodão sobre voil e espelhos  
30,5 x 92 cm, 2023



P. 46 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Superfície de contato*)  
Bordado livre sobre organza e tecidos diversos  
50 x 45 cm, 2022



P. 46 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Superfície de contato*)  
Bordado livre sobre organza e tecidos diversos  
40 x 53,5 cm, 2022



P. 47 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Superfície de contato*)  
Bordado livre sobre organza e tecidos diversos  
43,5 x 40,5 cm, 2022



P. 47 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Superfície de contato*)  
Bordado livre sobre organza e tecidos diversos  
55 x 28 cm, 2022



P. 47 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Superfície de contato*)  
Bordado livre sobre organza e tecidos diversos  
39 x 45,5 cm, 2022



P. 50 Júlia Mazzoni  
*Efêmero*  
Linha de algodão sobre algodão cru  
76 x 68,5 cm, 2022



P. 51 Júlia Mazzoni  
*00:00 (inquieta)*  
Caneta nanquim sobre papel  
20 x 20 cm (cada), 2023



P. 52 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Limites, divisas, fronteiras*)  
Desenho e bordado sobre tela  
70 cm, 2022



P. 53 Júlia Mazzoni  
*Sem título* (da série *Limites, divisas, fronteiras*)  
Desenho e bordado sobre tela  
70 cm, 2022



P. 54 / 55 Júlia Mazzoni  
*Costurando tempos desconhecidos*  
 Desenho e bordado sobre papel, tule e linha  
 29,7 x 60 x 30 cm, 2023



P. 56 / 57 Júlia Mazzoni  
*Casulo*  
 Linha de algodão sobre tela  
 16 x 22 cm (cada), 2023



P. 58 Júlia Mazzoni  
*Levantar e cair, quebrar o ciclo da inércia*  
 Linha de algodão sobre voil  
 104 x 86 cm, 2023



P. 59 Júlia Mazzoni  
*Sem título*  
 Bordado livre sobre etamine  
 44,5 x 27,5 cm, 2021



P. 62 Marianne Nassuno  
*Sem título (da série Na ausência do conforto das coisas)*  
 desenho sobre papel  
 59,4 x 42 cm, 2022



P. 63 Marianne Nassuno  
*Sem título (da série Na ausência do conforto das coisas)*  
 desenho sobre papel  
 29,7 x 42 cm, 2022



P. 64 Marianne Nassuno  
*Sem título (da série Na ausência do conforto das coisas)*  
 desenho sobre papel vegetal  
 29,7 x 42 cm, 2022



P. 65 Marianne Nassuno  
*Sem título (da série Na ausência do conforto das coisas)*  
 desenho sobre papel vegetal  
 29,7 x 42 cm, 2022



P. 66 Marianne Nassuno  
*Sem título (da série Na ausência do conforto das coisas)*  
 óleo sobre papel  
 42 x 29,7 cm, 2022



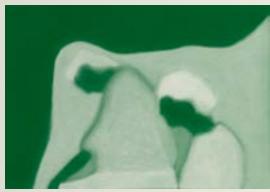
P.67 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Na ausência do conforto das coisas*)  
desenho sobre papel vegetal  
29,7 x 42 cm, 2022



P.68 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Na ausência do conforto das coisas*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2022



P.69 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Na ausência do conforto das coisas*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2021/2022



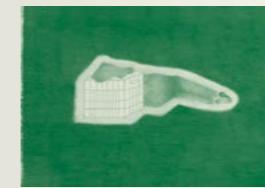
P.70 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Na ausência do conforto das coisas*)  
óleo sobre papel  
21 x 29,7 cm, 2022



P.72 Marianne Nassuno  
*Sem título*  
(da série *Sudários*)  
desenho sobre papel  
59,4 x 42 cm, 2023



P.73 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Sudários*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2023



P.74 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Sudários*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2023



P.75 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Sudários*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2023



P.78 / 79 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Vir a ser(es)*)  
desenho sobre papel  
21 x 20 cm (cada/8), 2023



P.80 Marianne Nassuno  
*Sem título* (da série *Exercícios de efemeridade*)  
desenho sobre papel  
29,7 x 42 cm, 2023





Câmara dos Deputados

## Mesa Diretora

### Presidente

Arthur Lira (PP-AL)

### 1º Vice-Presidente

Marcos Pereira (Republicanos-SP)

### 2º Vice-Presidente

Sóstenes Cavalcante (PL-RJ)

### 1º Secretário

Luciano Bivar (União-PE)

### 2ª Secretária

Maria do Rosário (PT-RS)

### 3º Secretário

Júlio Cesar (PSD-PI)

### 4º Secretário

Lucio Mosquini (MDB-RO)

### Suplentes

Gilberto Nascimento (PSD-SP)

Pompeo de Mattos (PDT-RS)

Beto Pereira (PSDB-MS)

André Ferreira (PL-PE)

Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural  
Câmara dos Deputados

**Secretário de Comunicação Social**  
Jilmar Tatto (PT-SP)

**Secretário de Participação, Interação e Mídias Digitais**  
Luciano Ducci (PSB-PR)

**Diretoria Executiva de Comunicação e Mídias Digitais**  
Cleber Queiroz Machado

**Coordenação de Cerimonial, Eventos e Cultura**  
Frederico Fonseca de Almeida

**Supervisão do Centro Cultural**  
Isabel Flecha de Lima

**Coordenação do Projeto**  
Clauder Diniz

**Curadoria**  
Laís Menezes

**Produção**  
André Grigório  
(estagiário sob supervisão)

**Design gráfico e expografia**  
Luísa Malheiros

**Fotografia**  
Clauder Diniz

**Revisão**  
Maria Amélia Elói

**Agradecimentos**  
Adriano Braga  
André Grigório  
Gregório Soares Rodrigues  
Mima Carfer  
Lucas Lira  
Rodrigo Ferreira  
Vinicius Maroli

**Montagem e manutenção da exposição**

André Ventorim  
Maurilio Magno  
Paulo Titula  
Wendel Fontenele

**Material gráfico**  
Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

### Contatos das artistas:

Júlia Mazzoni:  
@mazzonijulia  
juhmzn@gmail.com

Marianne Nassuno:  
@marnassuno  
mnassuno@gmail.com

### Informações:

0800 0 619 619  
cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional  
Câmara dos Deputados Anexo 1  
Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF  
[www.camara.leg.br/centrocultural](http://www.camara.leg.br/centrocultural)

Acesse  
nossa  
edital de  
seleção:



# ENTRE TRAÇOS & SOMBRA

26 AGO — 26 SET 2024

Espaço do  
Servidor  
Anexo II

seg — sex  
9h — 17h

---

Entre Traços & Sombras (2024 : Brasília, DF)

Entre Traços & Sombras [recurso eletrônico] / Júlia Mazzoni, Marianne Nassuno ; curadoria: Laís Menezes. – Brasília : Câmara dos Deputados, Centro Cultural, 2024.

Título aparece no item como: O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta Entre Traços & Sombras.

Catálogo da exposição realizada na Câmara dos Deputados, Espaço do Servidor, Anexo II, de 26 de agosto a 26 de setembro de 2024.

Versão e-book.

Modo de acesso: [bd.camara.leg.br](http://bd.camara.leg.br)

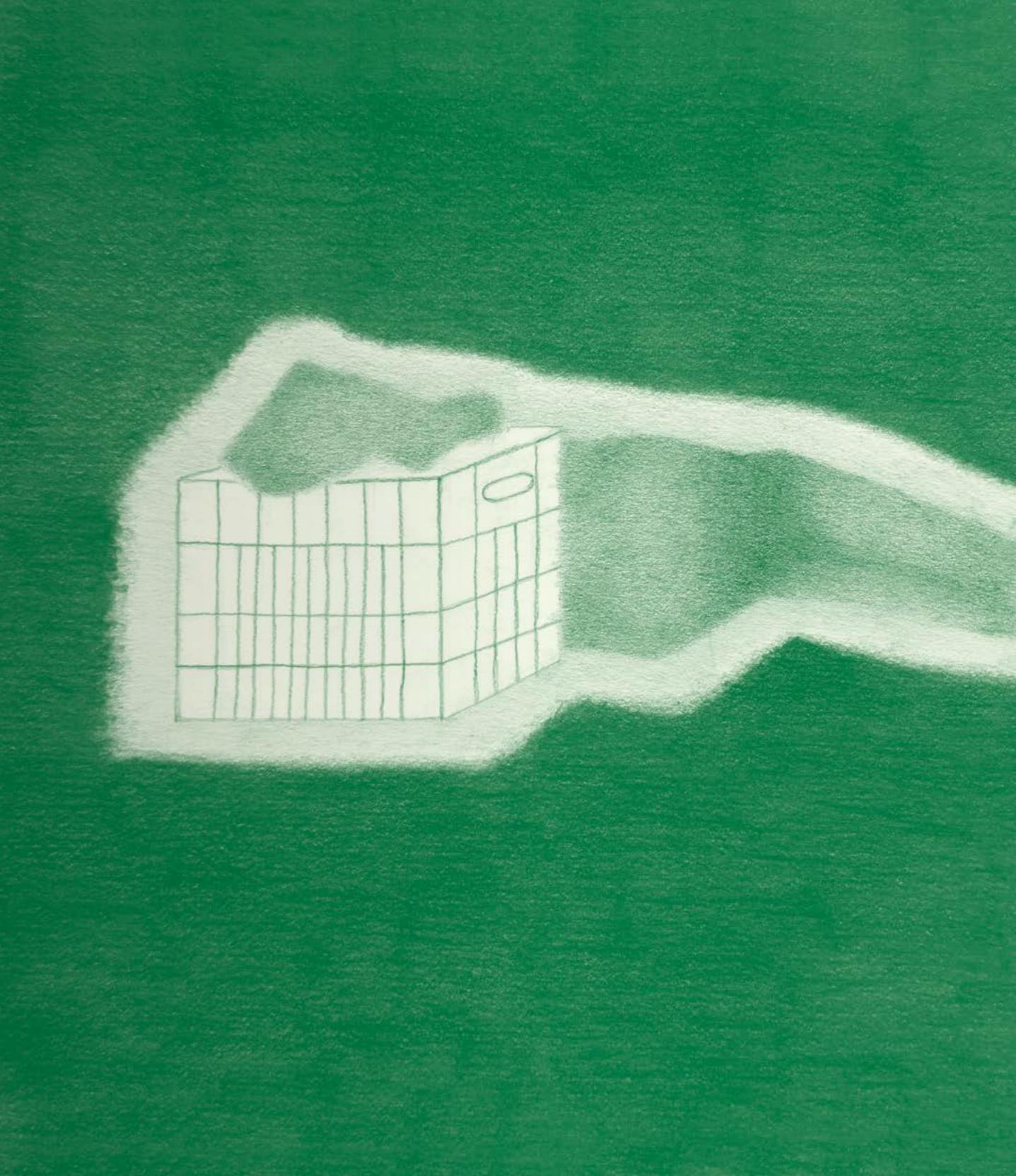
Disponível, também, em formato impresso.

ISBN 978-85-402-1040-0

1. Artes plásticas, exposição, Brasil, catálogo. I. Mazzoni, Júlia. II. Nassuno, Marianne. III. Menezes, Laís. IV. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro Cultural. V. Título.

---

CDU 73



ENTRE TRAÇOS E SOMBRAIS PROPÕE UMA LEITURA VISUAL DE IMPRESSÕES EMOTIVAS INDIVIDUAIS QUE, AO SE ESTENDEREM PARA OUTRAS DIMENSÕES, ABARCAM ENTENDIMENTOS E SENSAÇÕES DO COLETIVO. A EXPOSIÇÃO APRESENTA DUAS ARTISTAS DE DIFERENTES GERAÇÕES, ARTICULANDO UMA SOBREPOSIÇÃO DE LINGUAGENS DISTINTAS ENTRE SI. ENQUANTO MARIANNE NASSUNO TRABALHA COM GRAFITE E JÚLIA MAZZONI COM BORDADO, ELAS SE ENTRELAÇAM NA SENSIBILIDADE DAS PERCEPÇÕES DA MATÉRIA QUE NOS COMPÕE COMO SERES VIVOS, MANIFESTANDO-SE NO MONOCROMÁTICO DAS LINHAS PRETAS, NAS SOMBRAIS ACINZENTADAS E NO FUNDO BRANCO.